

# DIETRICH BONHOEFFER: TEÓLOGO DA VIDA

Rubem A. Alves

Gostaria de introduzir o leitor no mundo de Dietrich Bonhoeffer. Mundo muito fragmentário e incompleto, de perguntas, dúvidas, idéias novas que poderão chocar, mas tudo sobre um fundo de permanente simplicidade de fé, calor humano e amor à vida. Interessa-me principalmente o período final de sua vida, passado nas prisões nazistas, até o seu enforcamento no dia 9 de abril de 1945.

A leitura das cartas que escreveu a alguns de seus amigos neste período nos dá a singular sensação de ser um deles. Como se o seu mundo fosse o nosso: mesmas perguntas, mesmos problemas, mesmas dúvidas. Esta é a razão porque não podemos lê-lo sem nos envolvermos, ainda que não concordemos com suas soluções. Isto acontece porque Bonhoeffer é um daqueles casos raros de um homem que ao viver e articular a sua experiência pessoal, viveu e articulou também a experiência de uma geração toda. Lê-lo, por isto, é quase como ler a nossa própria auto-biografia. A decorrência mais importante deste fato é que suas idéias nunca são simples curiosidades a serem examinadas, mas ferramentas que nos ajudam a organizar nossa própria experiência e o nosso relacionamento com o mundo.

Para interpretar o sentido das idéias de um autor, especialmente quando elas se apresentam de forma desorganizada e incompleta, temos de evitar a tentação de tratar cada idéia como se fosse um tema à parte, independente e completo em si. O homem não funciona como a máquina de retratos que coleciona temas isolados. Tanto a sociologia do conhecimento quanto a psicologia já mostraram que a atividade intelectual do homem é determinada e unificada pelas nossas emoções e pelos valores que sustentamos. As idéias isoladas, portanto, só podem ser compreendidas em referência ao tema a que nos ligamos emocional e intensamente.

Parece-me que, para Bonhoeffer, este tema é a simples afirmação da vida. Talvez tenha sido sua condição de prisioneiro, numa situação em que qualquer planificação era irrealista, em que a morte era experimentada diariamente, que o tenha levado a descobrir a bênção de simplesmente estar vivo. Viver por viver, vida como dádiva, como graça, como sacramento. Na sua carta de 29 de novembro de 1943 ele afirmava: "É somente quando amamos a vida e o mundo com tal intensidade que se os perdêssemos teríamos, na realidade, perdido tudo, que podemos crer na ressurreição

e num mundo nôvo".<sup>1</sup> Vejam como êle inverte a maneira costumeira de pensar. Não se pode partir da crença na ressurreição para se chegar então a encontrar sentido na vida. A beleza da vida não depende de um "a priori" religioso. Exatamente o contrário; a experiência do valor último da vida é o ponto de partida para a esperança da ressurreição, que é nada mais do que a expressão de nossa adesão incondicional à vida, numa projeção para o futuro. Esta passagem faz-me lembrar uma linda frase de Nietzsche: "Eu amo as pessoas que, para se darem à vida, não necessitam primeiro olhar atrás das estrélas." Olhar atrás das estrélas: buscar certezas últimas, ter garantias prévias, para então, e somente então, dar-se à vida. Pecado típico dos religiosos. Ao contrário: amar a vida é dar-se por ela. E dêsse amor que a esperança da ressurreição surge como a afirmação da vida, mesmo apesar da morte.

Isto representa profunda revolução em nossa maneira teológica de pensar. Ainda hoje nosso linguajar religioso expressa a pesada tradição medieval que recebemos e as perspectivas que o neo-platonismo imprimiu no pensamento teológico, através de Agostinho. Aprendemos que Deus e o mundo se excluem; o reverso do amor a Deus seria o ódio ao mundo, enquanto que o amor ao mundo equivaleria a odiar a Deus. Quem é o homem ideal, o santo? É aquêle que tem os olhos voltados para os céus, como nos quadros medievais — e muito da linguagem litúrgica de hoje — o mostram. Por amor a Deus, e amor aos céus, êle é capaz de negar o mundo. E para levar isto a cabo êle tem de negar o seu corpo. Tradição de repressão. Religião que, nas palavras de Nietzsche, "para glorificar a Deus achou necessário crucificar o homem".

Para Bonhoeffer êste Deus que exige a morte do homem é um impostor que, se ainda não morreu, deve ser morto. E isto porque, para a Bíblia, o mundo e a vida são os grandes temas, os valores que determinam a atividade divina. Assim se expressava êle em sua carta de 5 de maio de 1944: "Nosso interesse não

se localiza no mundo vindouro, mas neste mundo. (...) Para o Evangelho aquilo que está acima do mundo existe para êste mundo..."<sup>2</sup> A inversão é total. Tradicionalmente a linguagem da fé afirmara que o mundo e a vida são meios que podemos usar para alcançar um fim além dêles. Religiosidade neo-platônica, que ainda permanece e domina. Entretanto, a Bíblia, e especialmente o Velho Testamento, sugerem exatamente o oposto: tôda atividade divina tem a ver com a criação, preservação e redenção do mundo e da vida. Deus e a vida não podem, portanto, se separar. Êste é, realmente, o sentido da encarnação: Deus existe sempre para o homem e com o homem. Conseqüentemente o cristão nunca pode colocar a alternativa ou amor a Deus ou amor ao mundo. Escrevia êle em 19 de maio de 1944: "Existe sempre o perigo de que um amor intenso possa destruir aquilo que eu chamaria de "polifonia" da vida. O que eu quero dizer é que Deus exige que o amemos eternamente de todo o nosso coração, mas nunca de forma a comprometer ou a diminuir nossas afeições terrestres, mas como um tipo de *cantus firmus* em redor do qual as outras melodias da vida provêm o contra-ponto. As afeições terrestres são um dêstes temas contra-pontuais, um tema que tem autonomia tôda própria. Mesmo a Bíblia tem um lugar para o Cântico dos Cânticos... Onde o baixo soa claro e firme, nada há que impeça o contraponto de se desenvolver até os seus limites extremos. O baixo e o contraponto são "sem confusão e não obstante distintos", nas palavras da fórmula de Calcedônia, como Cristo nas suas naturezas divina e humana".<sup>3</sup> Bonhoeffer recupera um tema de Lutero: a presença do corpo de Cristo (na linguagem do século XVI, a ubiqüidade do corpo de Cristo) em tôda a criação, o que abre possibilidade de se entender a vida e o mundo como "sacramento". O corpo de Cristo, dizia o Reformador, "tem de estar essencialmente presente em todos os lugares, mesmo na menor fôlha de uma árvore, ... em cada criatura, interna e externamente, de todos os lados, ocupando tudo, debaixo e acima, na frente e atrás, de forma que nada pode estar mais

verdadeiramente presente e dentro de todas as criaturas que o próprio Deus e o seu poder.”<sup>4</sup> Pensamento que ressoa em Teilhard de Chardin, na sua visão do mundo como hósta. Veremos, futuramente, que a presença anônima de Deus no mundo conduziu tanto Lutero quanto Bonhoeffer à mesma conclusão: a autonomia do mundo secular, sua libertação da tutela religiosa.

As cartas de Bonhoeffer nos revelam um detalhe curioso: a intensificação da afirmação da vida vai lado a lado com um novo interesse no Velho Testamento. Na carta de 29 de novembro de 1943, logo antes de afirmar que somente os que amam a vida podem crer na ressurreição, ele dizia: “Meus pensamentos e sentimentos parecem estar cada vez mais semelhantes ao Velho Testamento, e isto não é de espantar, pois eu o tenho estado lendo muito mais que o Novo nos últimos meses.”<sup>5</sup> Para os que se acostumaram a considerar o Velho Testamento como um livro obscuro e primitivo isto é bastante estranho. Entretanto, o Velho Testamento não é obscuro por ser primitivo. Há uma outra razão para isto: fomos de tal forma deformados pela tradição religiosa do neo-platonismo, de negação da vida e do corpo, de desconfiança em relação aos sentidos (talvez seja por isto que fechamos os olhos para orar!) de sublimação das nossas energias mais vitais, que a linguagem do Velho Testamento só nos pode parecer bárbara. Ela é mundana, comprometida com o corpo e com a facilidade do homem na história, à vontade no mundo e no tempo. A religiosidade neo-platônica, deseja reprimir o corpo, deseja sublimar suas energias para o campo do “espírito”, com vistas à salvação que, no seu contexto, significa primariamente libertar-se da vida e do corpo. O Velho Testamento, ao contrário, fala em redenção da vida e do mundo. Linguagem que tomou forma no Novo Testamento como a esperança da ressurreição do corpo. Perguntava Bonhoeffer em 5 de maio de 1944: “Existirá, no Velho Testamento, qualquer interesse pela salvação da alma? Não será a justiça e o reino de Deus na terra (minha ênfase) o foco de todas as coisas?”<sup>5</sup> 27 de junho

de 1944: “Ao contrário das outras religiões orientais, a fé do Velho Testamento não é uma religião de salvação. ... O Velho Testamento fala de redenção histórica, isto é, redenção do lado de cá da morte, enquanto que os mitos de salvação se preocupam em oferecer ao homem um meio de escapar da morte. ... Os mitos da salvação negam a história no interesse de uma eternidade depois da morte.<sup>7</sup> ... A diferença entre a esperança cristã na ressurreição e a esperança mítica é que a esperança cristã reenvia o homem à sua vida na terra de uma forma totalmente nova... O cristão, ao contrário dos adeptos dos mitos de salvação, não necessita de um refúgio último no eterno para livrar-se das tarefas e dificuldades terrenas.”<sup>8</sup>

Notem as duas ênfases: as religiões de salvação se nutrem de um desprezo pelo mundo e pela vida. Por isto seu objetivo é libertar o homem do mundo e da vida. Sua esperança é a imortalidade da alma, um tipo de existência que nega nossa experiência presente. Daí surge uma ética de repressão do corpo e sublimação das energias vitais.

A fé bíblica, ao contrário, parte de uma afirmação incondicional do mundo e da vida. Por isto que ela os entende não apenas como dádivas de Deus ao homem (expressões da graça), mas como meios pelos quais Deus se dá ao homem. Não se pode ter Deus sem amar a vida. Ela não fala, portanto, de imortalidade da alma, mas em ressurreição do corpo. Norman O. Brown, no seu livro *Life against Death (Vida contra a Morte)*, em que elabora o sentido da história de um ponto de vista psicanalítico, resume todas as suas conclusões de uma forma que ilumina extraordinariamente o que estamos dizendo. “O caminho da sublimação, que vem sendo seguido religiosamente pela humanidade... não é uma solução para o problema da neurose humana; ao contrário, ele conduz ao seu agravamento. ... Portanto, a questão que se levanta para a humanidade é a abolição da repressão, ou seja, na linguagem cristã tradicional, a ressurreição do corpo.”<sup>9</sup> É lógico que as implicações éticas deste comprometimento com a vida são radicais. O mundo precisa

ser transformado num lugar de recuperação humana, como sintematicamente proclamavam os profetas. O conteúdo do reino de Deus e a sua justiça é a redenção do mundo e a ressurreição do corpo. Nas palavras de Norman O. Brown, "a ressurreição do corpo é um projeto social com que a humanidade, como um todo, se defronta, e que se transformará num problema político prático no dia quando os estadistas do mundo forem chamados a criar condições de felicidade ao inves de serem simples manipuladores do poder." 10 Religião aqui não mais pode ser chamada de "ópio do povo". Ao contrário: ela é uma expressão vital da determinação do homem quanto ao viver e ao transformar o mundo para a felicidade da humanidade.

Isto tudo significa que é na vida que temos de encontrar Deus. Não é Ele uma experiência além da vida, um objeto a mais que podemos conhecer, mas parte integrante da vida e do mundo. Lembrem-se da figura da polifonia da vida que mencionamos atrás? Deus é o *cantus firmus*, o baixo que permite que a vida inteira se desenvolva até os seus limites extremos. Amar a Deus é amar a vida; amar a vida é amar a Deus. É lógico que isto causa estranheza. Como também pode nos ter parecido estranho o gosto de Bonhoeffer pelo Velho Testamento. Uma vez mais tenho de me referir à deformação mental que a religiosidade neo-platônica, onipresente nos nossos hinários, sermões, orações, ética, criou em nós. É isto que torna impossível entender a Bíblia sem metanoia: mudança de mente (Rom. XII.1)! A unidade de Deus com a vida e o mundo, que encontramos em Bonhoeffer, implica numa radical transformação do nosso conceito de transcendência (etimologicamente, subir para além de.) Pensamos em transcendência como aquilo que está além do mundo, além do tempo, além da vida e além da morte. A transcendência de Deus seria sua existência além dos limites da experiência humana no mundo e no tempo. E a transcendência do homem, igualmente — a imortalidade de sua alma! — seria sua possibilidade de passar a viver numa esfera que começa exatamente quando a vida e o mundo chegam ao fim. Não, diz Bonhoeffer.

A transcendência de Deus nada tem a ver com tais conceitos condicionados por nossa tradição filosófica ocidental. Na linha bíblica "Deus é o 'além' no meio de nossas vidas." 11 A transcendência de Deus é a mais total e a mais radical afirmação da vida e do mundo. Numa carta bastante pessoal Ele dizia: "Falando francamente, ansiar pelo transcendente quando você está nos braços de sua esposa é, pelo menos, falta de gosto; e isto não é, com certeza, o que Deus espera de nós. Devemos encontrar Deus e amá-lo nas bênçãos que Ele nos envia. Se Ele tem prazer em nos dar maravilhosa bênção terrena, não devemos tentar ser mais religiosos que o próprio Deus." 12

#### Notas

- 1 Dietrich Bonhoeffer, *Letters and Papers from Prison* (The McMillan Co. New York, 1953), p. 103
- 2 *Ibid.* p. 162
- 3 *Ibid.* p. 175
- 4 Luther, *That the Words "This is My Body etc"* (Luther Works, vol. XXXVII), pp. 57, 58
- 5 Bonhoeffer, *op. cit.* p. 103
- 6 *Ibid.* p. 168
- 7 Mitos de salvação, religiões de salvação: são nomes de um conjunto de várias religiões e mitos orientais que se propunham fundamentalmente a resolver o problema da morte. Bonhoeffer está mostrando que a fé Bíblica não nasce de uma preocupação com a morte mas da afirmação da vida. Por outro lado é preciso notar que o cristianismo tomou, no seu desenvolvimento histórico, muitas das características das religiões de salvação. Basta que se observe o fato de que muito do que vulgarmente se chama pregação evangelística é nada mais que uma nova forma das religiões de salvação sob tintura teológica cristã.
- 8 Bonhoeffer, *op. cit.* p. 205
- 9 Norman O. Brown, *Life Against Death* (Vintage Books, Random House, New York, 1959), p. 307
- 10 *Ibid.* p. 317
- 11 Bonhoeffer, *op. cit.* p. 166
- 12 *Ibid.* p. 113